



Revista Educação Especial

ISSN: 1808-270X

revistaeducacaoespecial.ufsm@gmail.com

Universidade Federal de Santa Maria

Brasil

Jefferson da Silva, Joale; Cappellazzo Souto, Elaine

A pessoa com deficiência visual: considerações sobre a sua participação nas aulas de educação física

Revista Educação Especial, vol. 28, núm. 51, enero-abril, 2015, pp. 179-190

Universidade Federal de Santa Maria

Santa Maria, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=313132931014>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

# A pessoa com deficiência visual: considerações sobre a sua participação nas aulas de educação física

*Joale Jefferson da Silva\**  
*Elaine Cappellazzo Souto\*\**

## Resumo

A inclusão dos alunos com necessidades educacionais especiais tem se tornado uma grande área de discussão na educação brasileira, por este motivo, este estudo objetivou analisar a trajetória da participação de pessoas com deficiência visual nas aulas de Educação Física, ao longo de seu processo de formação do ensino fundamental ao nível superior, para isso, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com 6 estudantes universitários com deficiência visual da Universidade Federal da Paraíba, Campus I, João Pessoa-PB. As entrevistas foram gravadas e transcritas, após diversas leituras, os resultados da pesquisa mostraram que 90% dos participantes não executaram aulas de Educação Física nas escolas da rede regular de ensino. Entre os motivos para que isto ocorresse, está a atitude negativa e a falta de preparação do professor frente à condição da deficiência do aluno, excluindo-o, sem mesmo oferecer oportunidade para participação da aula. Os entrevistados relataram que eram esquecidos no momento da aula de Educação Física, não havia preocupação do professor para incluir, alguns relataram que não chegaram a conhecer o professor de Educação Física durante todo o ano letivo. Os participantes da pesquisa também afirmaram procurar instituições especializadas para ter o apoio que não era oferecido na escola regular, evidenciando por outro lado, a intervenção positiva de profissionais de Educação Física nas escolas especiais. Conclui-se que, apesar do direito legal à educação, na rede regular de ensino os alunos com deficiência visual não tem sido incluídos nas aulas de Educação Física.

Palavras-chave: Educação Física; Educação Especial; Deficiência visual;

\* Graduado em Educação Física pela Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, Paraíba, Brasil.

\*\* Professora da Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, Paraíba, Brasil.

## The person with visual impairment: considerations on of their participation in physical education classes

### Abstract

The inclusion of pupils with special educational needs has become a major area of discussion in Brazilian education, therefore, this study aimed to analyze the participation trajectory of people with visual impairments in Physical Education classes throughout their formation process, from primary school to university. In order to do this, there were performed semi-structured interviews with 6 college students with visual impairments from Federal University of Paraíba, Campus I, João Pessoa-PB. The interviews were recorded and transcribed. After several readings, the survey results showed that 90% of participants did not perform the Physical Education classes in schools in regular education. Among the reasons for this to happen are the negative attitudes and lack of teacher preparation against the condition of the student's disability, excluding them without even offering opportunities for participation in the classroom. Respondents reported that they were forgotten at the time of the Physical Education class, there was no concern, by the teachers, to include them, some even reported that they did not meet the Physical Education teacher throughout the whole school year. The survey participants also stated they sought specialized institutions to achieve the support that was not offered in regular school, showing, on the other hand, the positive intervention of Physical Education teachers in special schools. It is concluded that, despite the legal right to education, regular education students with visual impairments have not been included in Physical Education classes.

**Keywords:** Physical Education; Special Education; Visual Impairment; Inclusion.

### Introdução

Com a evolução da sociedade, as atitudes em relação às pessoas com deficiência foram se modificando, passando da segregação a inclusão social. Várias áreas têm buscado se ajustar a este novo momento, entre elas, a educação. De acordo com a Política Nacional de Educação na perspectiva da Educação Inclusiva, a Educação Especial é responsável por promover atendimento às necessidades educacionais especiais de alunos com deficiência, em todos os níveis de ensino, disponibilizando recursos e serviços e orientando quanto a sua utilização no processo de ensino e aprendizagem nas turmas comuns do ensino regular (BRASIL, 2008).

A Educação Especial não é mais reconhecida como um conjunto de práticas com os alunos com deficiência separada dos demais, mas como parte do contexto geral da educação. Em 2012, o censo da educação especial registrou 820.433 alunos matriculados na rede regular de ensino. Consequentemente, esta nova visão da Educação Especial afeta a escola, onde esperava-se o aperfeiçoamento das práticas pedagógicas e atitudinais para com os alunos com deficiência.

A Educação Física é uma disciplina obrigatória que compõe a grade curricular escolar brasileira, do ensino infantil até o médio, e não obrigatória no ensino superior e deve obedecer aos mesmos princípios estabelecidos pela Política Nacional de Educação. Como componente curricular, a Educação Física deve trabalhar as suas próprias especificidades, tais como: Os jogos, ginástica, esporte, lutas, atividades rítmicas e expressivas, conhecimentos sobre o corpo, e inter-relacionar com os outros componentes curriculares. (Parâmetros curriculares Nacionais, 1997).

Como consequência, as práticas pedagógicas na Educação Física podem transformar os hábitos dos alunos, contribuindo para estimulá-los a se manterem mais preocupados com sua saúde e qualidade de vida, diminuindo os casos de doenças relacionadas ao sedentarismo.

A participação nas aulas de Educação Física por pessoas com deficiência pode contribuir para superar suas limitações e dificuldades, favorecendo seu crescimento pessoal e fazendo com que esses alunos se sintam importantes para a sociedade e respeitados pelos seus colegas. (BUENO E RESA, 1995).

A área da Educação Física que discute as pessoas com deficiência é reconhecida por Educação Física Adaptada.

Segundo Duarte e Werner (1995), a Educação Física Adaptada é uma área da Educação Física que tem como objetivo de estudo a motricidade humana para as pessoas com necessidades educacionais especiais, adequando metodologias de ensino para o atendimento das características de cada aluno com deficiência, respeitando suas diferenças individuais.

Em relação a sua prática pedagógica, de acordo com Bueno e Resa (1995),

A Educação Física Adaptada para pessoas com deficiência não se diferencia da Educação Física em seus conteúdos, mas compreende técnicas, métodos e formas de organização que podem ser aplicados ao indivíduo com deficiência. É um processo de atuação docente com planejamento, visando atender às necessidades de seus educandos. (BUENO E RESA, 1995, p. 9).

A preocupação com a formação do profissional de Educação Física na intervenção da Educação Física Adaptada no Brasil, surgiu em meados dos anos de 1980, baseados nos estudos dos relatórios do ano internacional da pessoa deficiente em 1981. Com o resultado deste diagnóstico, foi estruturada nos cursos de graduação em Educação Física, a disciplina de Educação Física Adaptada. (GORGATTI, COSTA, 2005)

Diante do aumento relativo de alunos com deficiência na rede comum e da importância da participação da Educação Física por todos, chegou-se ao seguinte questionamento: Qual foi a participação dos alunos com deficiência, atualmente estudantes do ensino superior, nas aulas de Educação Física ao longo da formação escolar? A realização de estudos como esse contribui para a reflexão sobre as condições de execução da nova visão da Educação Especial, servindo de elementos para

diagnosticar erros e acertos com o intuito de colaborar para a construção de processos de ensino aprendizagem, na Educação Física, mais adequado a todos.

## Método

Este estudo caracterizou-se como uma pesquisa descritiva de abordagem qualitativa, neste tipo de pesquisa as análises são mais profundas em relação ao assunto, descrevendo atitudes, fatos, relatos e demonstrações dos pesquisados observando sem interferir para não modificar os resultados. (RICHARDSON, 1999).

## População e amostra

Este estudo desenvolveu-se entre 20 de Março a 06 de abril de 2013, tendo como base os acadêmicos com deficiência visual matriculados no período 2012.2, na Universidade Federal da Paraíba - UFPB, no Campus de João Pessoa-PB.

A pesquisa foi apresentada a 12 acadêmicos com deficiência visual, matriculados no período 2012.2, na Universidade Federal da Paraíba-UFPB, no Campus de João Pessoa-PB. Como critério de inclusão, todos deveriam ser reconhecidos como pessoas com deficiência pelo Comitê de Inclusão da UFPB e terem adquirido a deficiência antes do início do ensino médio. Como critério de exclusão, estabeleceu-se que a aquisição da deficiência não deveria ocorrer após cursar o ensino médio.

Contudo, houve trancamento de matrícula por 1 estudante e 5 recusaram a participar do estudo, sendo a amostra constituída por 6 indivíduos com deficiência visual, sendo 3 do sexo masculino, com idade entre 27 a 35 anos, matriculados nos cursos de graduação em Pedagogia, Letras e Direito, e 3 do sexo feminino, com idade entre 22 a 30 anos, matriculadas nos cursos de graduação em Pedagogia, Psicologia e Fisioterapia.

Participante	Gênero	Idade	Deficiência	Graduação
E1	Masculino	27	Cego	Direito
E2	Masculino	35	Cego	Letras
E3	Feminino	22	Baixa visão	Psicologia
E4	Feminino	30	Baixa visão	Fisioterapia
E5	Masculino	31	Cego	Pedagogia
E6	Feminino	28	Baixa visão	Pedagogia

## Materiais e Instrumentos

O instrumento que foi utilizado para coleta de dados corresponde a uma entrevista semiestruturada, de acordo com May.

[...] esse tipo de entrevista permite que as pessoas respondam mais nos seus próprios termos, do que as entrevistas padronizadas, mas ainda fornecem uma estrutura maior de compatibilidade do que nas entrevistas focalizadas. (MAY, 2004, p. 149).

A entrevista foi constituída por duas partes: sendo a primeira composta por dados do entrevistado e a segunda com questões relacionadas a sua participação nas aulas de Educação Física no longo de seu processo de formação acadêmica.

A entrevista foi agendada com cada acadêmico na UFPB, foi realizada gravação, por meio de um gravador da marca Sony e, em seguida, a transcrição textual das falas, palavra por palavra.

## Análise de dados

As informações obtidas das transcrições das entrevistas foram analisadas por meio da análise de conteúdo, que corresponde a um conjunto de técnicas de análises das comunicações, visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição dos conteúdos das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens. (BARDIN, 1979, p. 42)

Desta forma, para que as respostas pudessem ser adequadamente analisadas, tornou-se necessário organizá-las, por meio do agrupamento em categorias, as quais foram: Perfil da deficiência e acadêmico, participação nas aulas de Educação Física e influência da participação nas aulas de Educação Física para a adoção de um estilo de vida saudável e as experiências positivas e negativas que as aulas de Educação Física proporcionaram.

Para a transcrição dos relatos, buscou-se manter o anonimato através da utilização da nomenclatura (E1, E2, ..., E6), como forma de preservar a individualidade dos participantes da pesquisa.

## Resultados e discussão

A partir dos dados obtidos pela aplicação das entrevistas, mediante análise anteriormente referida, serão apresentados, a seguir, os resultados encontrados. Inicialmente, segue o perfil da deficiência: 3 relataram ser congênita e 3 adquirida, 3 totalmente cego e 3 baixa visão.

Em relação ao perfil socioeconômico, 5 declararam receber benefício de prestação continuada e 1 é funcionário público e não recebe.

Sobre o aspecto acadêmico, em relação ao ensino fundamental e médio, 100% estudaram em escola regular. Sendo 1 em escola particular e 5 em escola pública. Atualmente, no ensino superior, E1 está cursando o 2º período no curso de Direito, E2 no 7º período do curso de Letras, E3 está cursando o 2º período de Psicologia, E4 no 3º período do curso de Fisioterapia, E5 no 8º período de Pedagogia, E6 no 7º período de Pedagogia.

A respeito da participação nas aulas de Educação Física, 5 sujeitos declararam ter realizado as aulas de Educação Física em uma instituição especializada e 1 declarou realizar as aulas de Educação Física na escola como na instituição especializada. Segue trechos dos depoimentos dos entrevistados.

“... Não participava das aulas de educação física na escola, eu vim conhecer a educação física no instituto dos cegos<sup>1</sup>.”(E1).

“Para falar a verdade eu não fazia nada na educação física na escola, a gente ia embora as vezes, ou ficava lá na quadra só conversando, não tinha muita utilidade para a gente.”(E2).

“... Não participava das aulas de educação física da escola, teve ano pra dizer a verdade nem conhecia o professor, então era zero.”(E3).

“Eu tive educação física no ensino fundamental, da primeira serie até a oitava, eu praticava no Instituto dos Cegos, aí a nota da gente ia para o colégio a tarde.”(E4).

“Eu participava das aulas da educação física tanto no ensino médio quanto no ensino fundamental, essas aulas não eram realizadas nas escolas regulares, eram realizadas no Instituto dos Cegos que atualmente é uma instituição de apoio para reabilitação para pessoas com deficiência visual. Na época as notas eram encaminhadas do Instituto dos Cegos para as escolas.”(E6).

“Sempre participei até porque eu fiquei interno no Instituto dos Cegos, dos 12 aos 18 anos e o ensino fundamental, a primeira fase tinha o acompanhamento da educação física lá no instituto, fazendo modalidades de natação, atletismo, futebol de salão, goalball e isso foi desde a primeira fase até o ensino médio. Embora quando comecei estudar na escola dita regular, uma escola privada aqui do município também participava. No colégio fazia alguma atividade com os demais alunos, competi e participei de competições.”(E5).

Verificou-se que a maioria dos participantes não realizou as aulas de Educação Física na escola regular, indicando incoerência com os Parâmetros Curriculares Nacionais de Educação(1997), quando relata que todo aluno deve participar de atividades corporais, reconhecendo e respeitando suas características físicas e de desempenho motor, bem como as de seus colegas, sem discriminar por características pessoais, físicas, sexuais ou sociais.

Apenas o E5 participou das aulas de Educação Física em uma escola regular e particular do Município, porém, fazia o que já tinha aprendido no Instituto dos Cegos, demonstrando que, mesmo nesta condição, a Educação Física não acontece de maneira inclusiva, pois o aluno com deficiência participou somente de atividades que foram previamente auxiliadas na instituição especializada.

Em seguida foram questionados sobre os motivos para a não participação nas aulas de Educação Física na rede regular.

“A deficiência, a exclusão dos colegas e o despreparo do colégio para implantar um meio da educação física são alguns motivos... o professor não me incluía na aula, me sentia excluído ao ver todos os

meus colegas se divertindo e, eu e outros colegas com a mesma característica parados ali sem fazer nada. Queria participar e não podia.” (E1).

“O motivo principal era o professor, que não tem o conhecimento, não tem a formação adequada, para lidar com o deficiente, ele ficava naquela, vocês me entregam um trabalho depois, ou vão pra casa, não tinha muito o que fazer não.” (E2).

“Acho que por o professor não ter um preparo para nos atender e também por acomodação, ele não se importava e ficava nisso, quando ele ia dar alguma aula teórica na sala aí eu ficava. Eram poucas por ano, uma, duas no máximo. Nas aulas práticas ele nem ia na sala, como todo mundo sabia que era aula prática, todo mundo ia embora para casa e pronto, nunca fez e nunca fizeram questão que eu participasse.” (E3).

“Porque os professores não sabem lidar com alunos com deficiência, ia me sentir insegura por falta de um preparo do professor.” (E4).

“Os professores não se sentiam preparados, e a gente também não, até os professores diziam ‘não temos condições de fazer aula de educação física para vocês, porque os meninos vão jogar bola e vocês não tem como jogar’, eles eram os primeiros a dizer ‘não tem como fazer, não sei ensinar a vocês, não sei como vai ser’.” (E6).

“Na verdade, eu já praticava natação, e na escola regular só fazia a parte que já vinha do instituto dos Cegos, já tinha aprendido.” (E5).

As respostas encontradas colocam o professor no centro da questão, onde, na visão dos discentes, é apontado como o principal motivo da não participação nas aulas de Educação Física nas escolas ditas de ensino regular. Tal situação leva as seguintes suposições: Os professores não tiveram a disciplina específica na graduação ou não fizeram qualquer curso de capacitação continuada na área ou, se fizeram, ainda não foi o suficiente para uma atuação inclusiva.

Apesar de haver um despreparo dos professores de Educação Física em lidar e elaborar aulas para alunos com deficiências, os entrevistados relataram influências positivas que as aulas de Educação Física lhes proporcionaram, trazendo boas lembranças do tempo de escola, uma inclusão social e ajudando a ter um estilo de vida mais saudável. Segue trechos dos depoimentos dos entrevistados.

“Eu enxerguei até os quinze anos, joguei pelada com os meus colegas, para mim o melhor esporte do mundo é o futebol e por ter tido esse contato, quando eu perdi a visão eu me senti inutilizado, inutilizado por falta do esporte, e daí a influência foi essa que me fez voltar a ativar novamente.” (E1).



“... A questão da integração da socialização, que no esporte é muito forte a gente vê que se não se integrar, não procurar fazer amizade, ficamos um pouco excluídos, o esporte tem esse poder, tem de certa forma essa função de incluir o deficiente não só o deficiente mas como qualquer pessoa.”(E2)

“As aulas que eu considero que tive de educação física, foram as melhores possíveis, me ensinaram a ser uma pessoa muito melhor, a questão de inclusão de integração, pelo fato de estar sempre viajando conhecendo pessoas novas, unindo o útil ao agradável.”(E3).

“... Melhorei a respiração por causa da natação, o desempenho no andar, eu gosto muito de educação física, eu praticava atletismo, eu sinto falta.” (E4).

“Além dos benefícios físicos, existe a questão de você estar conhecendo novas pessoas, estar interagindo, o leque vai se abrindo, você vai adquirir novas experiências, está conhecendo novos universos, são grandes benefícios da educação física, como não estar se envolvendo com drogas, com alcoolismo, então esses são os grandes benefícios.” (E5).

“As influências das aulas de educação física é a questão da postura e da coordenação motora, isso foram benefícios que a educação física trouxe para o resto da minha vida, que foram trabalhadas no decorrer das aulas de educação física.”( E6).

Apesar dos alunos não terem participado, em sua maioria, das aulas de Educação Física nas escolas regulares, a influência que os entrevistados relataram da educação física são muito boas, como a recuperação da autoestima após a perda da visão, viagens realizadas por equipes que possibilitava uma inclusão e a questão da saúde onde a Educação Física proporcionou uma adoção de um estilo de vida mais saudável entre os entrevistados, o que confirma a importância da Educação Física identificada na literatura. Strapasson (2007) relata que Educação Física deve propiciar o desenvolvimento global de seus alunos, ajudar para que o mesmo consiga atingir a adaptação e o equilíbrio que requer suas limitações e ou deficiência; identificar as necessidades e capacidades de cada educando quanto às suas possibilidades de ação e adaptações para o movimento; facilitar sua independência e autonomia, bem como facilitar o processo de inclusão e aceitação em seu grupo social, quando necessário.

Depois de todos esses relatos dos entrevistados, chega o momento desses falarem quais foram as experiências positivas e negativas que a Educação Física lhes proporcionou. Segue trechos dos depoimentos dos entrevistados.

“Depois que consegui, através do instituto dos cegos, a modalidade de paradesportiva, ela me ofereceu novamente a oportunidade de exercer a função como atleta na educação física. Respondendo o ponto negativo, imagina você sentir a grande necessidade de participar de algo recreativo e você não conseguir, esse seria um ponto

completamente negativo na minha vida em relação a educação física, no geral.”(E1).

“... A educação física tem esse lado positivo que integra, a gente participa de competições, e é bom que conhecemos novas pessoas, serve até para a questão da locomoção, de noção de espaço e ajuda no desenvolvimento do deficiente, a questão da socialização, isso tudo é importante. Agora, assim, o colégio do estado que eu estudei era um pouco complicado, só tem a parte negativa, porque a gente não participava das aulas, aí não tem nem muito o que falar, não participava, não se integrava.” (E2).

“Do instituto só positiva, sou apaixonada por esporte, então pra mim sempre foi a melhor hora do dia a aula de educação física, principalmente porque lá tem varias escolinhas, natação, goalball que é o esporte que eu pratico. Na escola, não assistia a aula.” (E3).

“A positiva era a saúde, porque antes de eu praticar era muito gripada, a saúde mesmo, gripava com facilidade então, depois que comecei a praticar, melhorou, a gripe parou. E negativo nenhum não.” (E4).

“As positivas que sempre participei de competições a nível, nacional, regional, poder conhecer as modalidades natação, atletismo, viajei bastante para São Paulo, Rio, conheci outras regiões fui desde o Centro-Oeste, Sudeste, aqui no Nordeste praticamente todos os estados eu viajei foi um momento bem positivo, negativo só a parte de lesões, rompi o tendão de Aquiles rasguei parte do tendão a quatro anos atrás.”(E5).

“As positivas bom, eu melhorei bastante minha coordenação motora que meu professor sempre trabalhou com coordenação motora, postura, além dos outros benefícios que trouxeram para minha saúde, a questão da pressão arterial regularizou, manter o peso. Eu não vejo pontos negativos na educação física.” (E6).

Quando questionados se praticaram aulas de Educação Física no ensino superior, apenas E4 relatou ter participado. Segue trechos dos depoimentos dos entrevistados.

“Não, só como demonstração de trabalho, que meu colega faz o curso de educação física, ele estava fazendo um trabalho e daí a gente fez uma pequena demonstraçãozinha de vinte minutos e só foi isso no nível superior.” (E1).

“Não, nunca participei.” (E2).

“Não... aqui na faculdade não.” (E3).

“Eu faço natação aqui na faculdade com um professor, mas deixa a desejar porque ele não entra na piscina, ele fica na borda com aquele macarrão batendo na minha cabeça, eu detesto é a primeira vez que vejo um professor de natação não entrar na piscina, principalmente onde tem um portador de deficiência.” (E4).

“Não aqui eu nunca paguei nenhuma cadeira nesse sentido não.” (E5).

“Não procurei, e os professores tem muito essa questão do medo em passar os exercícios, mesmo ensino superior, aqui nunca participei.” (E6).

Como podemos observar nos depoimentos relacionados às aulas de Educação Física no ensino superior, 5 dos entrevistados relataram não participar por vários fatores como o tempo que é pouco, o curso que não oferece nenhuma disciplina relacionada a E. F., chegando a citar que não procuram as aulas de E. F. no ensino superior por medo dos professores não saberem lidar com alunos com deficiência, trazendo, assim, do ensino básico “sequelas” das aulas de Educação Física pois, mesmo sem conhecer os professores, não confiam em participar das aulas, se não for realizada em um instituto especializado, o que se confirma no depoimento da E4 que foi a única que participou de aulas de Educação Física no ensino superior, e relata não estar satisfeita com os métodos aplicados pelo professor para alunos com deficiência chegando a detestar a aula.

Perante o exposto estudo, fica notório que os acadêmicos participantes desta pesquisa não gozaram das aulas de Educação Física escolar na rede de escolas regulares de ensino, se sentindo, por muitas vezes, excluídos por aquele que tinha por obrigação de incluir, o professor. Alguns chegam a citar que não tinham muita utilidade naquelas aulas e logo iam para casa, queriam participar mas não podiam por falta de preparo dos professores e por não se sentirem confiantes em suas aulas.

Porém, com todas essas barreiras apresentadas, os participantes relataram a importância da Educação Física para suas vidas como um agente de promoção de saúde física e mental, pois, os mesmos descreveram, com muito entusiasmo, momentos que as aulas de Educação Física lhes proporcionaram que elevaram a autoestima, relatando as viagens em grupos, as amizades estabelecidas em meio a competições, a quebra de barreiras estabelecidas pelo preconceito, a alegria da vitória, o saber lidar com a derrota, o ensinamento que o esporte traz para o grupo, como também, benefícios físicos como, a melhoria da postura, a coordenação motora, a locomoção, noção do espaço e a perda de peso. Coerente com o que fala Silva (1998), que através de atividades lúdicas e de jogos esportivos adaptados às condições específicas de cada grupo, durante a realização das atividades de lazer, de recreação e de esporte com estas pessoas, sejam estas aquáticas ou terrestres, é importante explorar as possibilidades que estas apresentam, trabalhar suas potencialidades, trabalhar na sua autovalorização e autoestima.

Diante do estudo apresentado e de seus relatos históricos proporcionados pelos participantes desta pesquisa, fica claro e evidente que é preciso reformular o modo de o professor interagir com o aluno com deficiência, possibilitando a este aluno incluir-se, participar de atividades corporais, reconhecendo e respeitando algumas de suas características físicas e de desempenho motor, bem como as de seus colegas, sem discriminar por características pessoais, físicas, sexuais ou sociais (PCN's, 1997). Criando “um ambiente social que intervém no desenvolvimento do aluno, ficando nítida a responsabilidade da Educação e, principalmente, da Educação física, que é levar o aluno a participação efetiva na vida social, ressaltando a igualdade de direitos e desprendendo qualquer tipo de discriminação” (OLIVEIRA, 2002).

### Considerações finais

Este trabalho se propôs a analisar e discutir a participação nas aulas de Educação Física dos acadêmicos da Universidade Federal da Paraíba do Campus I João Pessoa.

Diante do objetivo principal deste estudo, que é analisar a participação nas aulas de Educação Física dos entrevistados, chega-se a conclusão de que a escola regular não oferece ao aluno com deficiência uma disciplina organizada de Educação Física, como estabelece os PCN's, bem como os professores de Educação Física não estão capacitados para lidar com situações encontradas em suas aulas, sendo forçados a liberar seus alunos por não saberem como passar os conteúdos e incluir o aluno com deficiência ao resto da turma.

E diante dos objetivos específicos, que visam verificar a participação dos alunos nas aulas de Educação Física e sua participação fora do ambiente escolar, conclui-se que a participação destes alunos nas aulas de Educação Física, em escolas regulares, é quase inexistente, pois, por meio de seus relatos, explicam que os mesmos e seus colegas com a mesma deficiência não participavam. Em relação a participação fora do ambiente escolar, todos os entrevistados relataram participar de clubes e times de alguma modalidade paradesportiva, chegando a viajar para competições oficiais por todo o Brasil, sendo de suma importância, pois, a partir destas viagens, os entrevistados se sentiam mais incluídos, reforçando a importância da Educação Física como um meio de inclusão de pessoas com deficiências a sociedade.

Diante deste estudo e das reflexões apresentadas, este trabalho me possibilitou um aprofundamento sobre a real situação da Educação Física Adaptada encontrada nas escolas da rede regular de ensino, revelando que se tem muito a melhorar para alcançar o tão esperado modelo inclusivo, possibilitando aos seus alunos com deficiência uma escola digna que respeite as limitações de cada pessoa contribuindo, assim, para inclusão na sociedade.

Com este trabalho, busca-se contribuir para a construção de ensino aprendizagem entre professor e aluno, servindo de referencial teórico para os futuros profissionais de Educação Física Adaptada no ambiente escolar.

## Referências

- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1979.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica**. Brasília: MEC/SEESP, 2007.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica**. Brasília: MEC/SEESP, 2008.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Educação Física / Secretaria de Educação Fundamental**. Brasília: MEC / SEF, 1997.
- BUENO, S. T.; RESA, J.A.Z. **Educacion Física para niños y niñas con necesidades educativas especiales**. Málaga: Ediciones Aljibe, 1995.
- DUARTE, E.; WERNER, T. Conhecendo um pouco mais sobre as deficiências. In: **Curso de atividade física e desportiva para pessoas portadoras de deficiência: educação à distância**. Rio de Janeiro: ABT: UGF, 1995, v. 3.
- GORGATTI, M. G.; COSTA, R. F. **Atividade física adaptada**. São Paulo, Manole, 2005.
- MAY, T. **Pesquisa social: questões, métodos e processos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- OLIVEIRA, E. da S. G. & GLAT, R. **Educação inclusiva: ensino fundamental para os portadores de necessidades especiais**, 2002.
- RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- SILVA, S. M. M. da. **Avaliação e intervenção sócio-neuromotora de crianças com marasmo na primeira infância**. Campinas, SP: [s. n.], 1998.
- STRAPASSON, A. M.; CARNIEL, F. A Educação Física na Educação Especial. **EFDeportes.com**, Revista Digital. Disponível em <<http://www.efdeportes.com/efd156/deficiente-mental-e-a-educacao-fisica-adaptada.htm>>. Acesso em: 20 out. 2014.

## Correspondência

**Joale Jefferson Silva** – Rua: José Salustiano Barbosa, n. 60, Bairro, São sebastião. Nova Cruz, CEP: 59215-000, Rio Grande do Norte, Brasil.  
*E-mail:* joalejsilva@gmail.com – ecsouto@gmail.com

Recebido em 19 de maio de 2014

Aceito em 24 de junho de 2014